

Notas sobre o ecumenismo no magistério do Papa

Francisco

Notes on ecumenism in the magisterium of Pope Francis

Elias Wolff
PUC-PR - Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objetivo verificar contribuições do magistério do Papa Francisco para o ecumenismo. Analisa elementos desse pontificado que impulsionam, direta ou indiretamente, o diálogo entre as igrejas e verifica uma ampliação do sentido da *ecumene* pelo diálogo entre religiões e culturas, visando a fraternidade universal e o cuidado da Casa Comum. Analisa o espírito ecumênico de Francisco e as diferentes noções de ecumenismo que ele expressa na proposta de uma cultura do encontro e diálogo. O método da pesquisa é a análise qualitativa da bibliografia que permite compreender o ensino ecumênico de Francisco, priorizando a análise documental. Os resultados mostram que o pontificado de Francisco é profícuo para a causa da ecumênica, com intuições que possibilitam avançar por caminhos de diálogo apenas iniciados no Vaticano II. São elementos que, se explorados, possibilitam reais progressos para o ecumenismo em nosso tempo.

Abstract

This article aims to verify the contributions of Pope Francis' teaching to ecumenism. It analyzes elements of this pontificate that directly or indirectly promote dialogue between churches, and verifies an expansion of the meaning of *ecumene* through dialogue between religions and cultures, aiming at universal fraternity and care for the Common Home. It analyzes Francis' ecumenical spirit and the different notions of ecumenism that he expresses in his proposal for a culture of encounter and dialogue. The research method is the qualitative analysis of the bibliography that allows us to understand Francisco's ecumenical teaching, prioritizing documentary analysis. The results show that Francis' pontificate is fruitful for the cause of ecumenism, with insights that make it possible to advance along paths of dialogue only begun in Vatican II. These are elements that, if explored, enable real progress for ecumenism in our time.

Palavras-chave

Magistério do Papa Francisco.
Ecumenismo.
Diálogo.
Fraternidade Universal.
Casa Comum.

Keywords

Magisterium of Pope Francis.
Ecumenism.
Dialogue.
Universal brotherhood.
Common house.

Introdução

O Papa Francisco faz do seu magistério uma recepção atualizada do ensino do Vaticano II, procurando extrair desse concílio elementos que o possibilitam também avançar em questões que o concílio não tratou especificamente, como as relativas aos casais em segunda união, tratadas na encíclica *Amoris laetitia*, as questões ecológicas presentes na *Laudato Si'*, e a inclusão de mulheres no ministério do leitorato e do acolitamento, entre outras. No entanto, o Papa Francisco não trata apenas de questões *ad intra ecclesia*. Sua mensagem para toda a humanidade está bem clara na proposta de uma cultura do encontro e do diálogo, da fraternidade universal, do cuidado da Casa Comum. Tanto a perspectiva *ad intra* quanto a perspectiva *ad extra* desse magistério têm implicações ecumênicas que requerem atenção e análise. O objetivo deste artigo é verificar como, nos esforços por uma recepção atualizada do ensino do Vaticano II e na sua mensagem para o mundo, o magistério de Francisco fortalece a causa ecumênica. Fazemos isso apresentando algumas notas de ecumenicidade no pensamento e nas ações do Papa argentino. Essa ecumenicidade não é sempre explícita, mas, mesmo se apenas intuitiva, tem potencial de impacto tanto para a unidade cristã quanto para a unidade da humanidade, extrapolando o sentido cristão do termo ecumenismo.

O espírito ecumênico de Francisco

A principal contribuição do Papa Francisco para o ecumenismo não está tanto em estabelecer normas para o diálogo entre as igrejas e as religiões ou em retomar elementos doutrinários do ensino ecumênico do concílio, mas está em criar um espírito de conversação serena que insere a igreja no contexto de pluralismo eclesial e religioso do nosso tempo. É clara no Papa argentino uma postura de respeito e consideração positiva para com a diversidade de igrejas e religiões. A expressão desse respeito e dessa consideração assemelha-se a uma atitude de contemplação, admiração e reverência para com o Mistério que se revela nas múltiplas formas como as comunidades religiosas se organizam, dentro e fora do cristianismo. Com o concílio, o Papa reconhece que as diferentes igrejas podem ser usadas pelo Espírito como “instrumento” para a

realização da Igreja de Cristo (UR 3) e que há elementos de verdade e santidade nas diferentes religiões (NA 2). As diferentes formas de crer tem lugar na história humana, pois “oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade” (FT 271). A declaração afirmada com o Imã Al Tayyeb, observa que, na medida em que as religiões contribuem para a realização da vida humana, elas têm um lugar também no plano divino, na Sabedoria de onde deriva a liberdade e a dignidade de toda pessoa: “O pluralismo e as diversidades de religião [...] fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos” (Francisco; Al Tayyeb, 2019).

O espírito ecumênico de Francisco manifesta-se desde os primeiros pronunciamentos e os primeiros gestos do seu pontificado. No discurso aos representantes das igrejas e das religiões que participaram da celebração do início do seu pontificado, declarou: “Desejo assegurar a vontade firme de prosseguir no caminho do diálogo ecumênico” (Francisco, 2013c). Aos líderes religiosos, afirmou que a igreja católica é ciente da sua responsabilidade na “promoção da amizade e do respeito entre homens e mulheres de diferentes tradições religiosas [...] devemos manter viva no mundo a sede do absoluto” (Idem). Tal convicção expressa também a consciência que o Papa tem da gravidade da divisão cristã e dos conflitos que a humanidade sofre por motivos pretensamente religiosos. Ao receber o arcebispo de Cantuária, Justin Weby, Francisco disse: “Diante do olhar misericordioso de Jesus, não podemos fingir que nossas divisões não sejam um escândalo e um obstáculo para o anúncio do Evangelho e a salvação do mundo” (FRANCISCO, 2014b). E, na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos cristãos, em 2016, afirmou: “Desejo reiterar que a unidade dos cristãos é uma de minhas principais preocupações, e rogo para que ela seja sempre mais partilhada por cada um dos batizados” (Francisco, 2016a).

Concretizando esse ideal, o Papa torna o ecumenismo um tema recorrente nos documentos publicados durante esses 11 anos de pontificado. Das três encíclicas (*Lumen fidei* - LF, *Laudato si'* - LS e *Fratelli tutti* - FT), somente a *Lumen fidei* não aborda a questão ecumênica e nem o diálogo inter-religioso, enquanto as outras duas os consideram explicitamente. Das cinco

exortações apostólicas (*Evangelii gaudium* - EG, *Amoris laetia* - AL, *Gaudete et exsultate* - GE, *Christus vivit* - ChV, Querida Amazônia - QAm), a *Evangelii gaudium* e a Querida Amazônia possuem uma seção específica para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso (EG 244-246; 250-254; QAm 106-110), e as demais o tratam em relação com outros temas, mostrando a sua transversalidade. É importante observar que o atual sínodo sobre a sinodalidade tem clara a dimensão ecumênica de uma igreja sinodal (*Documento preparatório n. 2*, 30. VII; *Vademecum*, 2.1; *Informe das Sínteses*, 1.7) Há também orientação para o diálogo inter-religioso como fundamental no cuidado da Casa Comum na encíclica *Laudato Si'* e na construção da fraternidade universal na encíclica *Fratelli tutti*. Contudo, mesmo quando o papa não fala explicitamente de ecumenismo, ele está presente intuitivamente no seu ensino, de modo que o ecumenismo e a convivência inter-religiosa são constitutivos da proposta do encontro e do diálogo como cultura, da igreja em saída, da conversão pastoral em chave missionária. Aparecem como elementos transversais no ensino de Francisco sobre a igreja, a missão, a espiritualidade, a fraternidade humana e a questão ambiental.

Desse modo, ao mesmo tempo que Francisco confirma o sentido conciliar de ecumenismo como os esforços a favor da unidade cristã (UR 4), ele, apresenta a possibilidade de resignificação desse termo, recuperando o significado etimológico do vocábulo grego *oikoumene*, Essa distinção de universos semânticos de *ecumene* é metodologicamente importante, mas podemos observar que, em Francisco, esses universos se vinculam. A igreja não está fora da história da sociedade, e a sua missão só é realizada se ela se insere nessa história como sinal, sal e luz (cf. Mt 5, 13-16). Desse modo, a busca da unidade cristã é também em vista de uma unidade maior, o ecumenismo cristão tem a dimensão de diaconia para a unidade da humanidade na fraternidade universal (EG 245; *Fratelli tutti*) e no cuidado da Casa Comum (*Laudato Si'*). Esse sentido amplo de ecumenismo ganha diversos adjetivos, como ecumenismo dos gestos, ecumenismo do caminho, ecumenismo da caridade (MAUTI, 2022) e Francisco fala também de ecumenismo do martírio. Poderíamos falar também de ecumenismo social, ecumenismo cultural e ecumenismo religioso. São

adjetivações que mostram a riqueza da proposta do encontro e do diálogo no magistério de Francisco.

Portanto, o espírito ecumênico de Francisco mostra-se no seu pensamento e nas suas ações que impulsionam as propostas de encontro, diálogo e cooperação entre as igrejas, religiões e culturas. O Papa não teoriza o ecumenismo, mas o vê como algo prático, vivido nas relações fraternas que caracterizam os encontros entre líderes religiosos, nas declarações comuns, nos projetos de ação que as igrejas e as religiões estabelecem conjuntamente. Numa concepção ampla da *oikoumene*, o pontífice extrapola o universo religioso, integrando questões socioculturais e ambientais. Por essa razão, muitas das suas propostas são acolhidas em espaços que não estão propriamente vinculados à Igreja da qual ele é hoje o líder maior, o que a provoca a ser a primeira a fazer uma recepção convicta do magistério de Francisco, embora isso não se verifique em todas as suas instâncias.

O ecumenismo dos gestos

O Papa Francisco mostra-se eminentemente prático no exercício do seu magistério. Ele transmite seu ensino através de fatos, ações, posturas que permitem identificar um “ecumenismo dos gestos”. Isso se verifica na consciência de que o ecumenismo passa pelas relações pessoais, e essa é a base do diálogo, o qual é sempre um encontro entre pessoas com um nome, um rosto, uma história, e não apenas um intercâmbio de ideias. Desse modo, as relações de amizade, proximidade e avizinhamo entre as lideranças religiosas abrem espaços para um frutífero diálogo institucional. E Francisco se antecipa no encontro interpessoal, com iniciativas surpreendentes. Assim foi com a visita ao pastor pentecostal Giovanni Traettino, da Igreja da Reconciliação, no sul da Itália; ele foi o “primeiro” papa a visitar a Igreja valdense em Turim (junho de 2015) - note que os valdenses estão há 800 anos na Itália; ele primeiramente também quando se encontra com o patriarca de Moscou, em Cuba, em 2016, um encontro de líderes católicos e ortodoxos que não acontecia desde 1054, quando ocorreu a separação entre Oriente e Ocidente.

Antes mesmo de ser papa, Francisco já impressionava e também desconcertava muitos com seus gestos ecumênicos. Assim foi na vigia de

Pentecostes, em 2006, quando defendeu sua ideia da unidade como uma “diversidade reconciliada” e se ajoelhou diante de pastores pentecostais pedindo para que orassem por ele, o que alguns noticiaram como “desconcertante” e inclusive de “apostasia do arcebispo” (Ivereigh, 2023, p. 390). Esse gesto foi repetido quando beijou os pés de líderes políticos do Sudão do Sul, em 2019, numa súplica por processos de paz naquela região da África (Silvone, 2019). Trata-se de um gesto que possui, simultaneamente, uma mensagem ecumênica e de paz. É importante lembrar, ainda que, em 2014, na Igreja Patriarcal de São Jorge, em Istambul, o Papa Francisco inclinou-se diante do Patriarca, pedindo sua bênção (Bussolo, 2020).

Numa leitura do “ecumenismo dos gestos” em Francisco, observamos que não se trata de um pragmatismo ou mero espontaneísmo. Tais gestos expressam uma inteligência própria e são acompanhados de uma concepção de igreja, de evangelho, de mundo e de missão que configuram a sua concepção de ecumenismo. O prático e o teórico se integram na *práxis* ecumênica de Francisco. Analistas dos gestos ecumênicos do Papa Francisco entendem que ele

está passando da ‘**pedagogia dos gestos**’ de João Paulo II, - que traduzia a trajetória inaugurada pela *Nostra aetate* -, e do “diálogo das culturas” de Bento XVI, - que respondia ao enrijecimento causado pelo medo de um choque de civilizações após o 11 de setembro de 2001 -, para a atual ‘**teologia de gestos**’ [...] redesenhando o paradigma do **encontro das Igrejas**, procurando concentrar-se nos traços da **experiência espiritual**, da oração, da escuta, do caminhar juntos (Salvarini, 2016).

Essa análise é significativa, pois ao mostrar que Francisco propõe uma “teologia dos gestos” está considerando que suas práticas ecumênicas não são meramente pedagógicas, mas carregadas de conteúdo teológico, são expressões da fé da igreja, do Evangelho. Esses gestos vão além da proposta de um encontro de culturas ou de amizade social. A teologia dos gestos propõe um modo de ser igreja e de realizar a missão no mundo atual, “redesenhando” as relações ecumênicas e sustentando-as numa espiritualidade que impulsiona o caminhar juntos. Assim, a teologia ecumênica de Francisco não procede dos manuais ou das conclusões de teses acadêmicas, mas da vida vivida nas relações interpessoais estabelecidas nesses 11 anos de pontificado.

Tais experiências precedem e acompanham o diálogo teológico, tornam-no menos traumático e libertam-no de tendências ideológicas, da frieza diplomática e das lógicas politicistas, num caminho em que **Francisco** quer introduzir um pouco de pressa e de mudança humana dos reflexos eclesiais, no lugar da “diplomacia ecumênica” (Salvarini, 2016).

Estará o Papa Francisco dizendo que o modelo de diálogo até agora adotado pelas igrejas não mais procede, e que se faz necessário buscar novas formas de continuar a busca por convergências e consensos na fé cristã? Naturalmente, ele reconhece o valor dos esforços para as relações formais entre as igrejas. Mas quer contribuir de uma forma própria, mostrando que as convergências e os consensos na fé cristã requerem um testemunho prático que incida no cotidiano das igrejas, para além de acordos teológicos. O papa não desfaz o ecumenismo teológico, nem desconsidera sua necessidade e seu valor, mas entende que ele só avança se for construído com relações que envolvem a vida concreta das igrejas. Considerando o contexto em que vivem nas sociedades atuais, há que se desenvolver um método de diálogo que leve em conta as várias mudanças em curso no mundo globalizado, como a digitalização da vida e a inteligência artificial; as alianças transversais formadas continuamente sobre as mais diversas temáticas, que nem sempre tratam especificamente da doutrina cristã, como as questões socioculturais, éticas e ecológicas; o pluralismo religioso; e, no âmbito cristão, cresce a fluidez das pertencas confessionais e a proliferação de comunidades independentes das igrejas tradicionais. São questões que não foram suficientemente consideradas no diálogo até agora realizado pelas igrejas e exigem delas a capacidade de rever doutrinas e posturas anteriormente afirmadas como inquestionáveis na formalidade de suas relações.

Contribuições dos gestos ecumênicos de Francisco

Assim, os gestos ecumênicos convictos do Papa Francisco são carregados de significado teológico, pois toda prática possui intrinsecamente sua própria teoria. Dentre os elementos teóricos/teológicos que se expressam na prática ecumênica do Papa Francisco, destacamos:

A cultura do encontro

A proposta de encontro e diálogo, como cultura, são pilares do ensino de Francisco. Através deles, o papa explicita a ecumenicidade do seu pontificado, possibilitando à igreja uma postura que favoreça as relações com outras igrejas e religiões, a convivência na diversidade, caminhar juntos e o estabelecimento de parcerias em ações comuns. Trata-se de um contraponto a um estilo sociocultural global que fragmenta as relações entre povos, culturas e credos, incentivando tanto a concorrência entre forças desiguais quanto o distanciamento e o isolamento em mundos fechados. Frente a isso, o “encontro feito cultura” (FT 216-217) é uma proposta para a igreja universal e, mais que isso, à toda a humanidade. Trata-se de um novo estilo no convívio e relações interpessoais, que requer a disponibilidade para sair de si, num processo kenótico de generosidade e gratuidade, superando o egoísmo e a autoreferência que geram desencontros e indiferenças. O encontro exige reciprocidade, um dar e receber, pelo que acontece uma mútua fecundação: “cada encontro é fecundo. Cada encontro restitui as pessoas e as coisas ao seu lugar” (Francisco, 2016b). Para exemplificar isso, lembremos as palavras de Francisco no encontro com Bartolomeu I em Istambul, em 2014: “Encontrar-nos, olhar o rosto um do outro, trocar o abraço de paz, rezar um pelo outro são dimensões essenciais do caminho para o restabelecimento da plena comunhão para a qual tendemos” (Francisco, 2014a).

Assim, “encontro” é uma categoria chave no magistério de Francisco. E não surge de especulações teóricas, mas da constatação de uma necessidade fundamental da humanidade: “o desejo de encontrar os outros, de buscar pontos de contato, de construir pontes, de desenvolver projetos que incluam a todos” (ERPEN, 2021). Isso é fundamental para a *oikoumene*, que se alicerça na fraternidade humana universal, “porque é precisamente uma cultura do encontro que pode fornecer a base para um mundo mais unido e reconciliado. Somente esta cultura, além disso, pode levar a uma justiça sustentável e à paz “para todos, bem como a um autêntico cuidado por nossa casa comum” (Francisco, *apud* Erpen, 2021).

A cultura do diálogo

Todo verdadeiro encontro leva a um verdadeiro diálogo, e este possibilita a continuidade daquele. Francisco entende que o diálogo, para ser verdadeiro, precisa ter claro “o dever da identidade, a coragem da alteridade e a sinceridade das intenções” (FRANCISCO, 2017). São três elementos de extrema importância para as relações ecumênicas: *identidade* - nenhuma igreja ou religião deve negar suas convicções identitárias, mas precisa trabalhá-las para se desenvolverem de modo relacional, numa interação positiva com outras identidades de fé; *alteridade* - possibilita a cada credo reconhecer o valor dos outros. No mundo cristão, permite que uma igreja reconheça as riquezas e contribuições das outras para a compreensão e vivência do Evangelho. O modo de ser da outra igreja pode levar a um questionamento da minha igreja, provocar revisão do próprio modo de ser, e, assim, busca-se avançar no mútuo entendimento e na mútua acolhida; *sinceridade* - um quesito ético indispensável para igrejas e religiões dialogarem na busca da verdade.

Com esses três elementos, o Papa Francisco propõe um diálogo amplo, internamente à igreja e externamente com as religiões e as sociedades, inserindo-se corajosamente no contexto de pluralismo cultural e religioso do nosso tempo. Ele faz às culturas, igrejas e religiões e à toda a humanidade, enfim, um convite urgente para “renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta” (LS 11). E

Não só os crentes, mas todos aqueles que são motivados pelo bem sabem como é necessário o diálogo em todas as suas formas. Dialogar não serve apenas para prevenir e resolver conflitos, mas para fazer emergir os valores e as virtudes que Deus inscreveu no coração de cada homem e evidenciou na ordem da criação. Procurar e explorar todas as oportunidades de diálogo não é apenas uma forma de viver ou coexistir, mas sim um critério educativo (Francisco, 2019a).

A palavra do papa conclui propondo colher as oportunidades de diálogo como “um critério educativo”. De fato, o diálogo verdadeiro tem a natureza da gratuidade, pois emerge espontaneamente no contexto das relações interpessoais positivas. Mas ele é também uma responsabilidade, e, neste sentido, faz-se necessário “um processo educativo”, mostrando que o diálogo é um aprendizado exercido cotidianamente. É um modo amadurecido de saber

escutar e saber falar. E, mais que comunicar ideias, o diálogo é uma vivência do mistério que o encontro interpessoal e a relação dialógica explicitam, mistério presente nas pessoas dialogantes, na realidade que as envolve, no conteúdo de fé que é objeto do diálogo. Isso é fundamental para o diálogo entre as igrejas:

O diálogo é um critério educativo. Nesta linha encontra a justa colocação o percurso de estudos em teologia interconfessional [...] Quanto precisamos de homens de fé que eduquem para o verdadeiro diálogo, utilizando todas as possibilidades e ocasiões! (FRANCISCO, 2019a)

Assim, encontro e diálogo tornam-se pilares ecumênicos. Na perspectiva cristã, encontro e diálogo são performativos do ser cristão e ser igreja pautado pela convivência e por relações harmoniosas, na acolhida e no respeito mútuos. Trata-se de uma responsabilidade compartilhada nas iniciativas em busca da unidade no testemunho do Evangelho, somando esforços para superar conflitos que fragmentam, dividem e fragilizam o discipulado de Cristo.

Saber escutar e saber falar

Falamos que o diálogo é um aprendizado, um trabalho pedagógico que exercita o escutar e o falar. Todo verdadeiro encontro leva a uma verdadeira escuta e à fala honesta. No campo do ecumenismo cristão, isso é fundamental, pois as igrejas só se entendem mutuamente numa escuta atenta de uma igreja em relação à outra, discernindo as realidades e as situações que as constituem em sua identidade, natureza e missão. Essa escuta é o que possibilita o falar como partilha do que se é e se crê em uma igreja, que pode ser uma proposição para outra igreja, mas nunca uma imposição. O ato de escutar e de falar precisa acontecer como um processo espiritual, com sensibilidade e discernimento apurados para uma compreensão mútua na verdade e no mistério que envolve as igrejas dialogantes.

O Papa Francisco propõe a conversação espiritual como método do sínodo sobre a sinodalidade. Esse método pode ser aplicado ao diálogo entre igrejas diferentes; elas progridem no entendimento mútuo quando, ao se escutarem umas às outras, captam a voz do Espírito que revela o Evangelho na vida de cada uma. Diz o Papa Francisco: “E se realmente acreditamos na ação livre e

generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros” (EG 246). É uma dinâmica interna a cada igreja, que cria um ambiente favorável para a vivência ecumênica. Na escuta ecumênica, presta-se respeitosa atenção espiritual à outra igreja, partilha-se compreensões distintas do Evangelho, faz-se intercâmbio de impressões, sensações, experiências. Ter a possibilidade de falar e ser escutada é um processo ecumênico que liberta as igrejas de resistências que uma pode ter em relação à outra, e isso as transforma e as coloca no horizonte de conversão ecumênica. Assim, a escuta mútua é um processo espiritual que identifica e distingue as moções do Espírito na história de cada igreja, no mundo, nas realidades humanas que apelam ao testemunho comum da fé. Então, as igrejas têm condições de responderem juntas às interpelações que o Espírito faz para a vivência da comunhão na fé em Cristo.

A proximidade solidária como ecumenismo da caridade

O Papa Francisco propõe uma igreja sempre disponível para o outro, de forma samaritana. Para isso, ela precisa ser próxima “fazer companhia [...] acompanha o caminho pondo-se em viagem com as pessoas [...] que se dê conta de como as razões, pelas quais há quem se afaste, contém já em si mesmas também as razões para um possível retorno” (Francisco, 2013a). A proximidade fortalece a pertença e caracteriza o modo de ser igreja, comunhão e participação, numa sociedade onde tudo está conectado, mas falta uma experiência de pertença, que é mais do que mera conexão. Afirma Francisco: “com a proximidade de pastor podemos convocar a comunidade e fomentar o crescimento de um sentimento de pertença” (Francisco, 2013a).

A proximidade que fortalece a pertença é solidária, desperta a compaixão pela dor, pelas fragilidades, as misérias humanas e as vulnerabilidades consequentes da violência, da corrupção e da indiferença. A proximidade solidária expressa o “ecumenismo da caridade” (Mauti, 2022), ajuda a carregar a cruz tocando a cruz de Cristo: “Ninguém pode tocar a Cruz de Jesus sem deixar algo de si mesmo nela e sem trazer algo da Cruz de Jesus para sua própria vida” (Francisco, 2013b). Daqui emergem diversas questões para as igrejas: como elas se tornam próximas umas às outras? Em que medida a proximidade ecumênica contribui para um sentido de pertença à mesma fé

cristã e à única Igreja de Cristo? Como pode a proximidade ecumênica possibilitar o testemunho comum da solidariedade e da diaconia às pessoas mais necessitadas, concretizando o “ecumenismo da caridade”?

A resposta exige das igrejas a disponibilidade para encontros e diálogos que as tornem realmente próximas umas das outras, capazes de caminharem juntas no entendimento do Evangelho e do seu testemunho no mundo. A proximidade ecumênica possibilita desenvolver o sentimento de mútua reciprocidade, de modo que uma igreja cresce com a outra na corresponsabilidade por viver a verdade cristã. Orienta o papa: “crescemos na consciência de que nossa identidade consiste em nos tornar próximos” (Francisco, 2019b). Espera-se chegar ao sentimento de “mútua pertença” no corpo místico de Cristo, sua Igreja una e única.

Isso exige das igrejas o fortalecimento de iniciativas que possibilitem superar os distanciamentos doutrinários, estruturais, espirituais e pastorais. Tais distanciamentos conduzem à indiferença e a estranhamentos que não permitem o mútuo reconhecimento na fé em Cristo. Tensões e conflitos sedimentam a situação de divisão, pois impedem um diálogo sereno sobre as divergências. A proximidade ecumênica é o que possibilita superar isso, ajudando cada igreja a “abrir o coração ao companheiro de estrada sem desconfianças procurando a paz no rosto do único Deus” (EG 244).

O compromisso ecológico

O Papa Francisco é conhecido como um dos líderes mundiais que mais tem fortalecido o cuidado da vida no planeta, como nossa Casa Comum. O desmatamento das florestas, a emissão de gás carbono na atmosfera e o conseqüente aquecimento global, a poluição dos rios, do ar e do solo, a escassez dos recursos hídricos, a perda da biodiversidade nos ecossistemas são fatores alarmantes que ameaçam a vida humana e a criação. Francisco convida a humanidade inteira e interromper esse processo, o que exige uma mudança radical nos estilos de vida, abandonando o consumismo frenético e irresponsável que a sociedade materialista impõe, e a desenvolver nova consciência cósmica, planetária, de uma fraternidade criatural. Assim, como humanos, redescobrimos a nossa própria essência, assumindo que também “nós

mesmos somos terra” (LS, n. 2). Isso é possível com uma conjugação entre espiritualidade e ecologia, uma das maiores exigências atuais da humanidade em busca de sobrevivência.

Essa proposta é claramente ecumênica, todas as igrejas e as religiões precisam empenhar-se no cuidado da vida na *oikoumene*. A fraternidade entre as igrejas e as religiões é, assim, instrumento de um objetivo maior: a fraternidade humana e criatural. Desse modo, a luta pela justiça social em defesa das pessoas empobrecidas está vinculada à luta pela defesa do meio ambiente onde elas estão. Entre os pobres mais abandonados e maltratados, encontra-se a nossa terra oprimida e devastada, que está “gemendo como que em dores de parto” (LS, n. 2). É preciso ouvir, ao mesmo tempo, o grito dos pobres e da terra (LS 49). E isso é hoje uma responsabilidade também das igrejas e das religiões.

Impulsos para uma eclesiologia ecumênica

As iniciativas que o Papa Francisco toma no campo da eclesiologia têm um significativo alcance ecumênico. Assim são os seus esforços por reformas na igreja, deixando o rosto do catolicismo mais reconhecível como “rosto de irmão” das outras igrejas, o que provocou estudos sobre possível “aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do papa Francisco” (Wolff, 2014). O espírito de colegialidade com o qual o papa trabalha, não querendo decidir tudo sozinho, é refletido em suas próprias palavras: “Não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo” (EG 16). Isso leva a uma “descentralização” que valoriza de fato o colégio episcopal, em sintonia com o atual sínodo sobre a sinodalidade, que busca afirmar a natureza sinodal da igreja, com apontamentos importantes para um caminhar juntos com as diferentes igrejas integradas. A valorização do sacerdócio comum dos fiéis possibilita uma compreensão da igreja como Povo de Deus, na comum dignidade batismal, o que é central na eclesiologia protestante.; O esforço por inclusão das mulheres nas estruturas da igreja dá concretude à afirmação do sacerdócio comum dos fiéis e a valorização do laicato, enquanto as duras críticas ao clericalismo desfazem a identificação da

igreja com a hierarquia. Tais fatores, entre outros, têm diretas implicações eclesiológicas e, simultaneamente, importantes alcances ecumênicos. Eles são centrais na formação do espírito ecumênico do magistério de Francisco. Três imagens da igreja possuem reais possibilidades de impulsionar o ecumenismo:

1) *Uma igreja reformada*, de modo amplo e profundo, como quer o papa, tem uma importante dimensão ecumênica. Como já afirmado no n. 6 do Decreto *Unitatis redintegratio*, toda renovação na igreja “deve ser tido como penhor e auspício que felizmente prognosticam os futuros progressos do ecumenismo”. De fato, mudanças eclesiais no âmbito da teologia, da doutrina e das estruturas, feitas na direção conciliar, favorecem o diálogo com outras igrejas. Estudos feitos sobre ecumenismo e reforma concluem que se requerem mutuamente na busca da comunhão da fé em Cristo (Wolff, 2014).

2) A concepção de uma *igreja em saída* leva a igreja a lançar um olhar sobre si mesma e rever suas instituições, estruturas, posturas teológicas, espirituais e pastorais, para verificar em que medida necessitam de mudanças ou redimensionamento teológico-pastoral. Tal processo de “saída” ajuda a igreja a abandonar posturas de auto-referencialidade e “primeirar” no encontro de outras igrejas, num aprendizado mútuo de como ser igreja de Cristo e como realizar a missão no mundo atual. É importante identificar os “caminhos de diálogo para uma igreja em saída” (Wolff, 2023), desenvolvendo a sua ecumenicidade.

3) *Colocar tudo em chave missionária*: a razão de ser da igreja é a sua missão de pregar e dar testemunho do Evangelho no mundo atual, de modo que todo esforço por reformas na igreja é para que ela “saia” para o mundo onde pode realizar mais fielmente a sua missão. E o papa exorta para que a missão manifeste “o coração da mensagem de Jesus” (EG 34), sem identificar-se com aspectos secundários. Desse modo, “uma pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas” (EG 35). É notória a ecumenicidade dessa orientação, tendo Cristo e seu Evangelho como conteúdo prioritário da missão, e nisso as igrejas em diálogo tem consenso.

Essas três imagens da igreja no magistério de Francisco são fortalecidas por outros dois importantes princípios ecumênicos do Vaticano II e que ele

reforça:

a) *Hierarquia das verdades*: Este princípio, como elemento metodológico da teologia conciliar, mostra uma “ordem” ou “hierarquia” das verdades da doutrina católica, “já que o nexos delas com o fundamento da fé cristã é diferente» (UR 11). Esse princípio é importante para o diálogo ecumênico, e o Papa Francisco o acolhe em seu magistério: “todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho” (EG 36). Isso ajuda as Igrejas a buscarem o que é de fato fundamental na identidade cristã, sem impor nada além do indispensável (At 15,28), discernindo os desenvolvimentos da doutrina cristã nas diferentes Igrejas. Elas podem identificar juntas o que constitui o centro da fé, o mistério de Cristo em sua vida, paixão, morte e ressurreição, mostrando a ação do Deus Triuno na história da salvação.

b) *Unidade na diversidade*: Na abertura do Vaticano II, João XXIII afirmou que “uma coisa é a substância da doutrina, do ‘*depositum fidei*’, e outra é a formulação com que são enunciadas” (João XXIII, 2007, p. 28). João Paulo II entendeu que o concílio propõe que “o elemento que decide a comunhão na verdade é o significado da verdade” (UUS 19), sua expressão pode ser multiforme. O Papa Francisco corrobora esse ensino criticando posturas que adotam uma linguagem ortodoxa rígida: “somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância” (EG 41) do Evangelho. Esse princípio está presente no ensino de que “a unidade prevalece ao conflito” (EG 226-230). Sua ecumenicidade está em ajudar as igrejas a manterem a fidelidade às suas próprias verdades e, simultaneamente, reconhecer formas diferenciadas das mesmas verdades em outras Igrejas. Isso está na base da possibilidade do “intercâmbio de dons” (EG 246) entre as igrejas e comunga com a tese da unidade na diversidade, tão bem acolhida no mundo ecumênico e também no magistério de Francisco: “mas o Espírito Santo, que suscita esta diversidade, de tudo pode tirar algo de bom [...] A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade” (EG 131; cf. 230).

Considerações finais

Fiel ao concílio Vaticano II, o Papa Francisco não poderia deixar de fortalecer a causa ecumênica. E o faz de modo direto e indireto em todo o seu magistério. Na primeira modalidade, ressaltam-se os gestos ecumênicos surpreendentes, os discursos e documentos que explicitam a sua convicção ecumênica - seja no sentido estritamente cristão, seja no sentido amplo envolvendo as religiões e as culturas. Contribuem também para o ecumenismo cristão as propostas por reforma na igreja, a igreja em saída, a conversão pastoral em chave missionária, entre outros. Na segunda modalidade, está a proposta da cultura do encontro e do diálogo, da fraternidade universal, do cuidado da Casa Comum, que impulsionam sobremaneira o diálogo inter-religioso e o diálogo das culturas.

A ecumenicidade de Francisco se expressa por iniciativas concretas de reconhecimento do valor das diferenças, de acolhida, de intercâmbio de dons, de querer caminhar juntos. Nisso se expressa o seu espírito ecumênico, que, na perspectiva cristã, desafia as igrejas à convicção do diálogo, ao testemunho comum do Evangelho e ao estabelecimento de parcerias na missão. Não se trata apenas de uma simples continuidade do ensino do Vaticano II, mas indica possibilidade de avanços na causa ecumênica, que se concretizarão na medida em que a igreja assumir efetivamente as propostas de reforma, de saída e de conversão pastoral em chave missionária. Até o momento, tais avanços existem mais como possibilidades do que como fatos concretos. Fracassar nessas propostas significa estagnar a causa ecumênica na Igreja Católica Romana. Para evitar isso, é mister uma recepção convicta do convite que Francisco faz aos fiéis católicos “a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores” (EG 33) da igreja nos diversos contextos. Esse repensamento precisa acontecer em perspectiva ecumênica para que a igreja que Francisco hoje lidera possa responder convictamente ao apelo que Jesus faz para todas as igrejas, a serem una, “para que o mundo creia” (cf. Jo 17,21).

Referências

BUSSULO, Alessandro di. Francisco e o ecumenismo: um “caminho irreversível”. *Vatican News*, 26/03/2020. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-05/francisco-ecumenismo-papa-igreja.html>. Acesso 15 abril 2024.

ERPEN, Jackson. Papa: cultura do encontro, base para um mundo mais unido e reconciliado. *Vatican News*, 12/02/2021. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-02/papa-audiencia-instituto-europeu-estudos-internacionais-suecia.html>. Acesso 17 abril 2024.

FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. Carta encíclica *Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. Encontro com o episcopado brasileiro. *Vatican.va*, 27/07/2013a. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acesso 27 abril 2024.

FRANCISCO. Homilia na Via Sacra Com os jovens. *Vatican.va* 26/07/2013b. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130726_gmg-via-crucis-rio.html. Acesso 20 abril 2024

FRANCISCO. Encontro com os representantes das igrejas e comunidades eclesiais, e de outras religiões. *Vatican.va*. 20/03/2013c. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html. Acesso 15 abril 2024.

FRANCISCO. Palavras na Divina Liturgia. Igreja Patriarcal de São Jorge, Istambul, 30/11/2014a. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20141130_divina-liturgia-turchia.html. Acesso 25 abril 2024.

FRANCISCO. Discurso do papa Francisco à sua graça Justin Welby primaz da comunhão anglicana. *Vatican. Va*. 16/06/2014b. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/docume>

nts/papa-francesco_20140616_arcivescovo-canterbury.html. Acesso 18 abril 2024.

FRANCISCO. Discurso do papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. *Vatican.va*. 10/11/2016a. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161110_plenaria-unita-cristiani.html. Acesso 20 abril 2024.

FRANCISCO. Por uma cultura do encontro. Meditações na Capela Santa Marta. *Vatican. Va*. 13/09/2016b”. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso 15 abril 2024.

FRANCISCO. Discurso aos participantes na Conferência internacional em prol da paz - Cairo 2017. *Vatican.va*, 28,04,2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/document_s/papa-francesco_20170428_egitto-conferenza-pace.html. Acesso 15 abril 2024.

FRANCISCO. Discurso na Universidade Lateranense, Roma, pela ocasião da inauguração da mostra "Caligrafia para o Diálogo: Promover a cultura da paz através da cultura e da arte", em memória do Cardeal Jean-Louis Tauran. *Vatican.va* 31/10/2019a. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191031_mostra-calligrafia.html. Acesso 15 abril 2024.

FRANCISCO. O termômetro da proximidade é a atenção para os últimos, os pobres, que já é um anúncio do Reino. *Vatican New*, 12/09/2019b. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/592575-o-termometro-da-proximidade-e-a-atencao-para-os-ultimos-os-pobres-que-ja-e-um-anuncio-do-reino-papa-francisco-aos-bispos>. Acesso 15 abril 2024.

FRANCISCO. Palavras na Divina Liturgia Ortodoxa, em 30/11/2014. *Vatican News*, 26/03/2020. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-05/francisco-ecumenismo-papa-igreja.html>. Acesso 15 abril 2024.

FRANCISCO; AL TAYYEB, Al-Azhar Ahmad. Documento sobre a fraternidade humana, em prol da paz mundial e da convivência comum. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso 25 abril 2024.

IVEREIGH, Austen. *El gran reformador. Francisco, retrato de un papa radical*. B. D Bolsillo, 2023.

JOÃO XXIII. Discurso na abertura solene do concílio. Em Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, editado por Concílio Vaticano II, 4.^a ed., 28. São Paulo: Paulus, 2007, p. 21-32.

MAUTI, Ricardo Miguel. El ecumenismo de la caridad como aporte a la unidad de la familia humana (EG 245). Algunos criterios inspiradores de Francisco. *Theologica Xaveriana* v. 72, p.1-24, 2022.

SALVARINI, Brunetto. Ecumenismo em caminho. Da “pedagogia dos gestos” para a “teologia dos gestos”. *IHU*, 01/03/2016. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/552096-ecumenismo-em-caminho-da-pedagogia-dos-gestos-para-a-teologia-dos-gestos>. Acesso 15 abril 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. *Documento Preparatório*. Disponível em <https://www.synod.va/es/news/documento-preparatorio.html>. Acesso 20 abril 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. *Vademecum*. Disponível em <https://www.synod.va/es/news/vademecum-para-el-sinodo-sobre-la-sinodalidad.html>. Acesso 20 abril 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. *Informe de Sínteses*. Disponível em <https://www.synod.va/es/synodal-process/la-fase-universal/documents.html>. Acesso 20 abril 2024.

SILVONEI, José. O Papa beija os pés dos líderes do Sudão do Sul pela paz. *Vatican News*, 12/03/2019. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-04/papa-francisco-sudao-sul-beija-pes.html>. Acesso 15 abril 2023.

WOLFF, Elias. Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do papa Francisco. *Horizonte*, v. 12, n. 34, p. 534-567, 2014.

WOLFF, Elias. *Caminhos de diálogo para uma igreja em saída*. Petrópolis: Vozes, 2023.

Trabalho submetido em 10/05/2024.
Aceito em 30/06/2024.

Elias Wolff

Pós-doutorado em Teologia na Lutheran School of Theology at Chicago (2019); Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (2000); É membro do Programa de Pós Graduação em Teologia (PUCPR); a partir de 2014, tornou-se Coordenador do Núcleo Ecumênico e Inter-religioso da PUCPR; em 2015 passou a atuar como Professor visitante da Universidade Pontifícia do México UPM. É Líder do Grupo de Pesquisa Teologia, Ecumenismo e Diálogo Interreligioso da PUCPR; e Membro da Ecumenical Water Network (Conselho Mundial de Igrejas).